

REDES LOCAIS E A VIABILIZAÇÃO DE ATIVIDADES EMPODERADORAS NA NATUREZA: DIÁLOGOS DO DESIGN EM PARCERIA COM A PESQUISA (PÓS) QUALITATIVA E O CONCEITO DE AMOROSIDADE ESPACIAL

**Local networks and the enablement
of empowering activities in nature:** dialogues of
Partnership Design with (post) qualitative research
and the concept of spatial lovingness

Rita Maria De Souza Couto¹

Roberta Portas²

Marianne Von Lachmann³

¹ Doutora em Educação; Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio ; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7705-5304> ; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5874218092323774>

² Doutora em Design; Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3107-9108> ; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4412059982163936>

³ Mestre em Design; Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio ; ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-2796-1469> ; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5525081834358696>

Resumo

Este artigo busca apresentar dois eixos da pesquisa de doutorado “Redes de parcerias e a viabilização de atividades empoderadoras na natureza com crianças da rede pública municipal de Petrópolis”, continuação da dissertação de mestrado, em desenvolvimento no âmbito do PPGDesign da PUC-Rio. O primeiro refere-se à atuação de redes de parcerias na educação ambiental, e a natureza como sala de aula. O segundo, à formação de laços afetivos com o espaço, que transformam espaço em lugar, são a origem da memória humana, e o conceito de amorosidade espacial (Lopes 2022). Em diálogo com a metodologia do Design em Parceria da PUC-Rio, orientadora dos trabalhos de campo, e achados da pesquisa (pós) qualitativa, constituem a estrutura da tese e grande parte de sua relevância. A existência desses dois eixos é fator de viabilização de atividades na natureza com crianças, como verificado nas atividades de campo realizadas ao longo dos anos letivos de 2022 e 2023, fenômeno central da pesquisa desde o mestrado. Ao serem compartilhados com redes de parcerias locais, de base comunitária, os registros das atividades das crianças na natureza serviram para encantar mais pessoas para a causa da conservação, como aromas que evocam a unidade formada pela sociedade-natureza-pessoa, conforme compreendido por Lopes (2020, 249), ao levarem em consideração as pessoas em suas singularidades. Foi possível verificar, ao longo das vivências realizadas, elemento de primeiríssima importância, fator viabilizador de atividades na natureza: a amorosidade espacial para com o outro.

Palavras-chave: **educação ambiental, sustentabilidade, Design em Parceria, polifonia, atividades lúdicas.**

Abstract

This article aims to present two axes of the doctoral research “Partnership networks and the viability of empowering activities in nature with children from Petrópolis’ public municipal network”, continuation of the master's dissertation, developed within the scope of PPG Design at PUC-Rio. The first refers to the performance of partnership networks in environmental education, and nature as a classroom. The second, to the formation of affective bonds with space, which transform space into place, are the origin of human memory, and the concept of spatial lovingness (Lopes 2022). In dialogue with the methodology of Design in Partnership at PUC-Rio, which guided the fieldwork, and the findings of the (post)qualitative research, they constitute the structure of the thesis and a large part of its relevance. The existence of these two axes is a factor in enabling activities in nature with children, as verified in the field activities carried out throughout the 2022 and 2023 school years, a central phenomenon of the research since the master's degree. When shared with local,

community-based partnership networks, the records of children's activities in nature served to enchant more people to the cause of conservation, like aromas that evoke the unity formed by society-nature-person, as understood by Lopes (2020, 249), by taking into account people in their singularities. It was possible to verify, throughout the experiences carried out, an element of utmost importance, a factor enabling activities in nature: the spatial lovingness towards others.

Keywords: environmental education, sustainability, Partnership Design, polyphony, play.

Introdução

Este artigo é parte da pesquisa de doutorado “Redes de parcerias e a viabilização de atividades empoderadoras na natureza com crianças da rede pública municipal de Petrópolis”, que investiga como e por que as iniciativas de educação ambiental realizadas em duas escolas da rede pública municipal de Petrópolis, com turmas de crianças da Educação Infantil ao Ensino Fundamental 1, compostas por atividades empoderadoras, foram viabilizadas por redes de parcerias e coletivo locais. O estudo evidencia as realidades que movem os polos articuladores das redes, ao tecer o comprometimento das partes interessadas com o atendimento de necessidades comunitárias, que geram alegrias de fazer, e revela como a metodologia do Design em Parceria da PUC-Rio orientou cada etapa do projeto e fortaleceu a integração de vida, ciência e arte, proporcionando vivências arrebatadoras às crianças e participantes dos trabalhos de campo.

A pesquisa acima referida parte dos seguintes pressupostos:

- - A conservação da natureza, no longo prazo, depende da regularidade dessas atividades empoderadoras, por viabilizarem vivências que permitirão a formação de memórias afetivas, capazes de transformar o espaço em lugar, fundamental para construção de amorosidade espacial (Lopes, 2013, 2022).
- - O estar com crianças em atividades empoderadoras intra e extramuros, durante o horário escolar, como é o caso dos trabalhos de campo desta pesquisa, significa assumir que há agência, produção de cultura e de conhecimentos por parte das crianças, atores sociais plenos, bem como múltiplas culturas infantis, interagindo continuamente no espaço escolar (Sarmento, 2015, 41).
- - Na medida em que adotamos como opção metodológica e início de cada encontro temas propostos pelas crianças, significa também assumir a ético-onto-epistemologia (Barad, 2007, 409) – a inseparabilidade entre um agir ético em pesquisas com crianças (Machado e Saballa de Carvalho, 2023, 173), a natureza do ser criança (ontologia) e a construção de conhecimentos (epistemologia) (Sarmento, 2015, 43-45).

Para a finalidade deste artigo, serão feitos recortes no corpo da investigação, objetivando expor dois eixos estruturantes. O primeiro, as redes de parcerias e coletivos locais: composição de suas estruturas, polos concentradores, fatores de motivação, ativismo, abrangência, resultados. O segundo, a formação de laços afetivos com o espaço e o conceito de amorosidade espacial (Lopes, 2022). Em diálogo permanente com a metodologia do Design em Parceria e achados da pesquisa (pós) qualitativa (Le Grange, 2019), esses eixos representam fator chave de viabilização de atividades na natureza com crianças de escolas públicas no Ensino Básico, como verificado nos trabalhos de campo da pesquisa, realizados ao longo dos anos letivos de 2022 e 2023.

1. Breve resumo sobre teoria das redes, segundo Ferguson (2018)

O historiador Niall Ferguson, professor e pesquisador das universidades de Stanford, Harvard e Tsinghua/Pequim dedicou-se a investigar as relações entre redes, hierarquias (um tipo de rede) e a luta pelo poder no mundo. Seu livro “The Square and the Tower: networks, hierarchies and the struggle for global power”, ilustra de forma clara e didática que redes sociais são estruturas formadas naturalmente por seres humanos, a começar pelo conhecimento e as várias formas de representação utilizadas para comunicá-lo. Como árvores genealógicas, às quais todos nós necessariamente pertencemos, ainda que apenas alguns possuam conhecimento genealógico detalhado.

Redes incluem os padrões de assentamento, migração e miscigenação que distribuíram nossa espécie através da superfície do mundo, bem como as miríades de cultos e modas que periodicamente produzimos, com premeditação e liderança mínimas. (Ferguson, 2018, 17, tradução livre da pesquisadora).

Redes surgem nos mais variados formatos e tamanhos, algumas de forma espontânea e auto-organizada, outras mais sistemáticas e estruturadas. Segundo Ferguson, a urgência do ser humano de relacionar-se socialmente, inata e ancestral, faz surgir novas tecnologias para facilitar esse relacionamento, como foi o caso, por exemplo, da invenção da linguagem escrita (2018, 15-20).

De acordo com esse autor, algumas ideias viralizam em razão de características estruturais da rede em que são propagadas, e a interação entre redes pode resultar em inovação e invenção. Estas, historicamente, emergem mais em redes do que em hierarquias. Para Ferguson, pontos de contato entre diversas redes são locais onde se deve procurar por inovações (2018, 42-47).

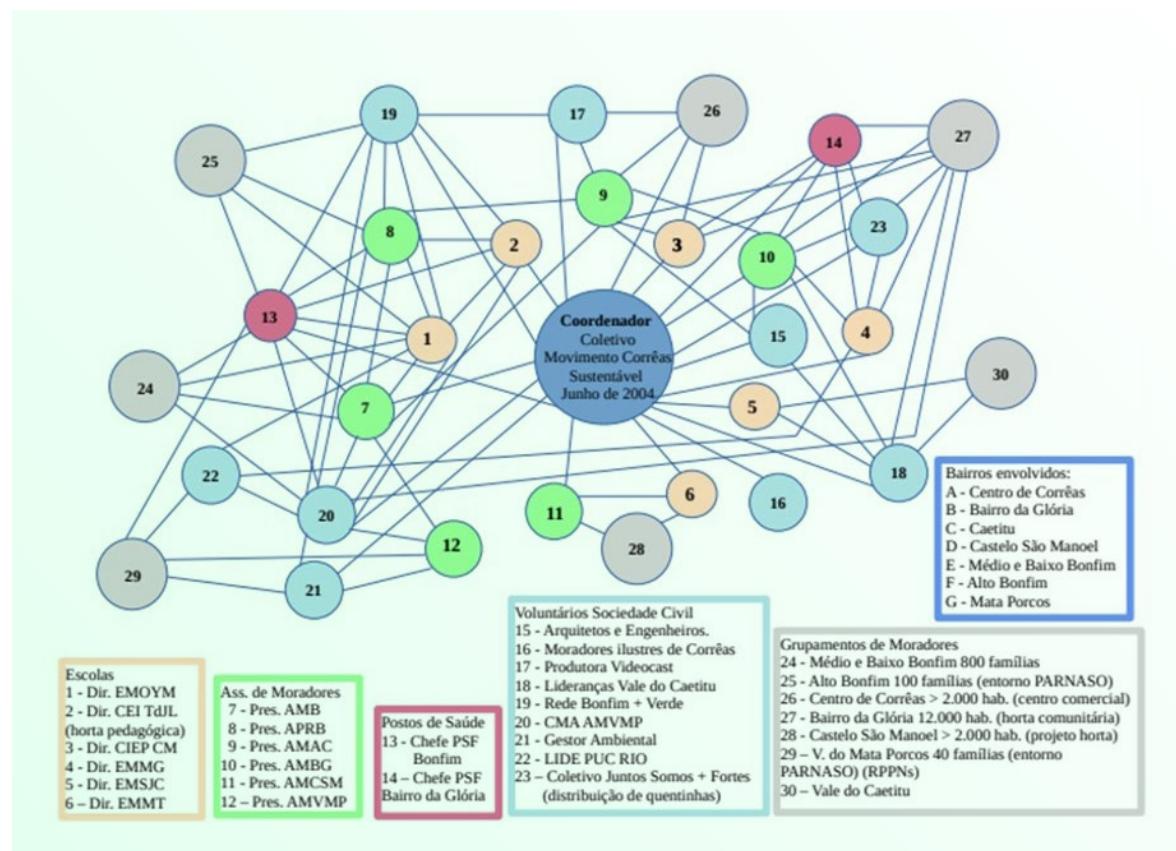
Os conceitos que fundamentam a teoria de redes constituem-se de pontos (sendo cada ponto um nódulo), fios (sendo cada linha de conexão um fio), polos (pontos nodais de maior centralidade e intermediação) e agrupamentos (pontos nodais com densidade ou coeficiente de agrupamento local maiores do que os de outras partes da rede). O ponto chave para Ferguson diz respeito à questão da estrutura da rede, que pode ser tão importante quanto a ideia em si na determinação da velocidade e amplitude de difusão de uma ideia (2018, 34-35).

No processo de viralização, um papel central é desempenhado por nódulos (pontos nodais) que, além de polos, são também “porteiros”, pessoas que decidem se a informação será ou não enviada para suas respectivas áreas da rede. Suas decisões serão baseadas, em parte, em como pensam que essa informação lhes refletirá. Por sua vez, a aceitação de uma ideia poderá requerer que seja transmitida por mais de uma ou duas fontes. Um contágio cultural

complexo necessita primeiramente atingir uma massa crítica de pioneiros na adoção, com alto grau de centralidade (número relativamente alto de amigos influentes) (2018, 34-35).

Citando Duncan Watts (2004), Ferguson indica que o fator chave para avaliar a probabilidade de um contágio tipo cascata é “focar não apenas no estímulo em si, mas na estrutura da rede atingida pelo estímulo”. Sustenta o autor que essa questão ajuda a explicar por que, para cada ideia que viraliza, há outras incontáveis que desvanecem na obscuridade, por terem sido iniciadas pelo polo, ponto nodal, agrupamento ou rede errada (2018, 35).

QUADRO 1. GRÁFICO DO COLETIVO MOVIMENTO CORRÉAS SUSTENTÁVEL EM JUNHO DE 2024



FONTE: ARQUIVO DA PESQUISADORA, ILUSTRAÇÃO DE MARCOS WERNECK (2024).

QUADRO 2. SIGLAS DO GRÁFICO DO COLETIVO MOVIMENTO CORRÉAS SUSTENTÁVEL

Siglas do gráfico do coletivo Movimento Corrées Sustentável:

- 1 - EMOYM – Escola Municipal Odette Young Monteiro
- 2 - CEI TdJL – Centro Educacional Infantil Terezinha de Jesus Lima
- 3 - CIEP CM – Centro Integrado de Educação Pública Cecília Meireles
- 4 - EMMG – Escola Municipal Marieta Gonçalves
- 5 - EMSJC – Escola Municipal São José do Caetitu
- 6 - EMMT – Escola Municipal Magdalena Tagliaferro
- 7 - AMB – Associação de Moradores do Bonfim
- 8 - APRB – Associação de Produtores Rurais do Bonfim
- 9 - AMAC – Associação de Moradores e Amigos de Corrées
- 10 - AMBG – Associação de Moradores do Bairro da Glória
- 11 - AMCSM - Associação de Moradores do Castelo São Manoel
- 12 - AMVMP - Associação de Moradores do Vale do Mata Porcos
- 13 - PSF Bonfim – Posto de Saúde da Família do Bonfim
- 14 - PSF Bairro da Glória - Posto de Saúde da Família do Bairro da Glória
- 20 - CMA AMVMP – Comissão de Meio Ambiente da Associação de Moradores do Vale do Mata Porcos
- 21 - LIDE PUC RIO – Laboratório Interdisciplinar Design Educação Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
- 25/29 - PARNASO – Parque Nacional da Serra dos Órgãos
- 30 - RPPN – Reserva Particular do Patrimônio Natural

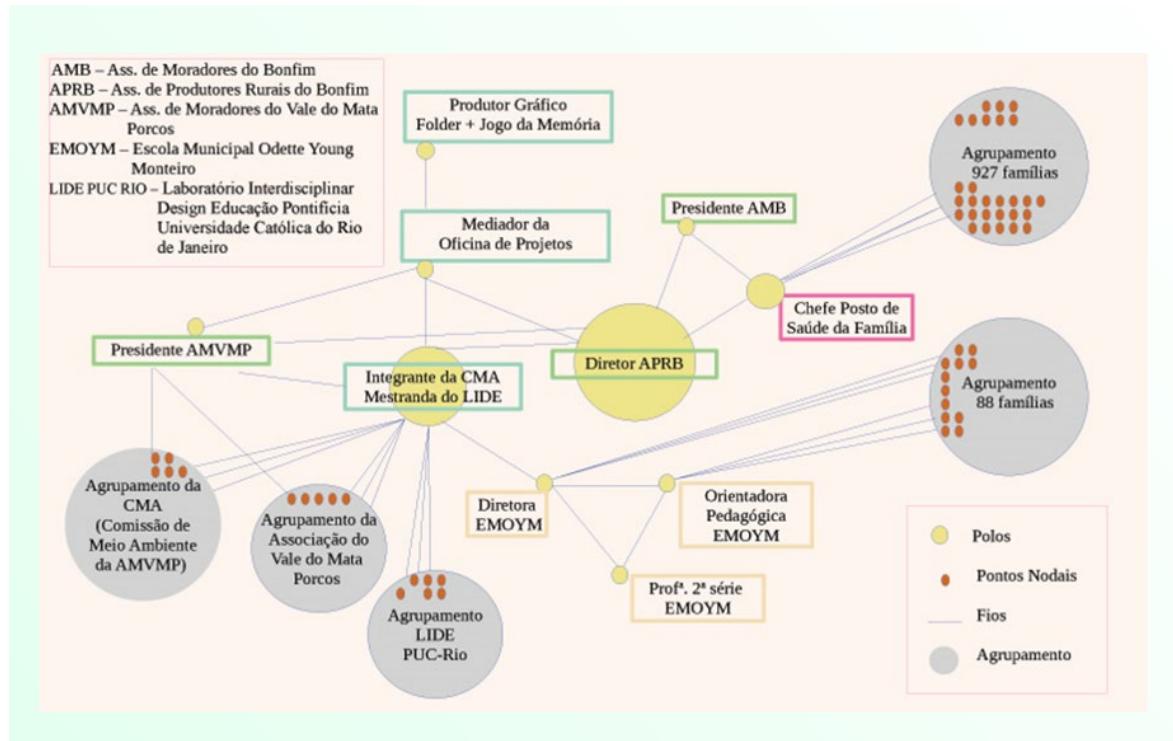
FONTE: ARQUIVO DA PESQUISADORA (2024)

2. Atuação de redes e coletivos locais na educação ambiental e a natureza como sala de aula

Os trabalhos de campo da presente pesquisa, como parte do fazer em rede, foram motivados e passaram a motivar outras redes de parcerias locais, comprometidas com a educação de crianças e a preservação da natureza. Um exemplo deste movimento pode ser visto a partir das articulações da sociedade civil organizada de Corrées, distrito de Petrópolis, que resultaram na criação, em 2010, do coletivo Movimento Corrées Sustentável (Quentel 2023). Desde o início o coletivo buscou um formato híbrido para a participação de seus membros, com reuniões presenciais e trocas de mensagens via plataforma WhatsApp.

Tendo como missão pensar soluções para problemas locais de infraestrutura, o coletivo tornou-se mais urgente a partir da quarentena de covid-19 decretada em março de 2020. O grupo de WhatsApp passou a reunir os presidentes de sete associações de moradores de bairros de Corrées, por terem ali informação atualizada e fontes fidedignas, polifônicas, apartidárias, capazes de fornecer esclarecimentos a respeito de problemas no território (Quentel 2023).

QUADRO 3. GRÁFICO DA REDE DE PARCERIAS DO BONFIM EM 2020



FONTE: ARQUIVO DA PESQUISADORA (2020), ILUSTRAÇÃO DE MARCOS WERNECK (2024)

Esse trabalho em rede, valorizado e revigorado como decorrência da materialização de projetos, foi fator preponderante para a viabilização de atividades extramuros com crianças da rede pública municipal. Buscando traduzir de forma mais concreta os diálogos e interconexões entre redes de parcerias locais e os achados da pesquisa (pós) qualitativa (Le Grange 2019), encontram-se itemizados abaixo os projetos de maior envergadura do Movimento Corrêas Sustentável, realizados entre 2020 e 2024:

- 2020 a 2024 – Iniciativas de educação ambiental em unidades da rede pública municipal de Corrêas, entre eles os trabalhos de campo da presente tese, guiados pela metodologia do Design em Parceria;
- 2021 – Implantação da horta comunitária do Bairro da Glória, em sistema de mutirão;
- 2021 a 2023 – Plantios de mudas de árvores nativas em vários bairros de Corrêas, em articulação com o Movimento Regenerativo Tempo de Plantar;
- 2022 – Doação do acervo de livros ao CIEP Cecília Meireles, em Corrêas, cuja biblioteca foi inundada nas enchentes de fevereiro e março de 2022;
- 2023 – Manutenção da horta comunitária do Bairro da Glória, em sistema de mutirão, com a participação dos escoteiros mirins de Correias;

- 2023 – Comunicação formal com autoridades municipais de saúde e educação para abertura ao público do Posto de Saúde no Bairro da Glória e do Centro de Educação Infantil Terezinha de Jesus Lima, no Bonfim;
- 2023 a 2024 – Obtenção de financiamento e aprovação das autoridades municipais para instalação de cozinha comunitária no Bairro da Glória, integrada à horta comunitária e Escola Municipal Marieta Gonçalves;
- 2023 – Implantação da horta pedagógica no CEI Terezinha de Jesus Lima, em sistema de mutirão e articulação com a Rede Bonfim + Verde e Movimento dos Pequenos Agricultores;
- 2023 – Entregas de cestas básicas para combate à insegurança alimentar no Bonfim e no Bairro da Glória, em parceria com o Movimento dos Pequenos Agricultores.

Ao se materializarem, os projetos do Movimento Corrêas Sustentável e redes locais, acolhidas sob o guarda-chuva desse coletivo, tratam do que mais importa para as populações desses territórios. O atendimento real de necessidades retorna de muitas formas para as redes: valorização profissional dos integrantes e polos concentradores, que constroem mais capacidades para seguir fazendo; geração de alegrias de fazer, relacionadas diretamente com o sucesso desse fazer em rede, gerando mais projetos e voluntários para o atendimento de necessidades comunitárias; interesse da mídia institucional para exposição e divulgação das iniciativas; interesse de políticos em busca de parcerias bem-sucedidas, que possam ser multiplicadas e repercutidas positivamente nas mídias.

Trata-se de um processo sistêmico de produção, dinâmico, de ciclos vitoriosos, prazerosos e sustentáveis, cujo principal fator de motivação é o atendimento de necessidades comunitárias. Nesse sentido, ressalto os valorosos feitos da Rede Bonfim + Verde, que conseguiu realizar cinco eventos na nova sede Petrópolis do Parque Nacional da Serra dos Órgãos (PARNASO), no Bonfim.

Esta nova sede foi adquirida em agosto de 2019 e até o momento serviu basicamente a brigadistas para combate a incêndios e voluntários do ICMBio, que utilizam pequena parte das instalações para pousos eventuais. A qualidade das conexões entre os integrantes da Rede Bonfim + Verde (quase todos estudantes universitários), gestores do PARNASO e universidades parceiras dessa Unidade de Conservação tornaram possível tantas realizações, em um espaço público altamente cerceado. Abaixo, os eventos, em ordem cronológica:

05/12/2021 – Plantio de mudas de árvores nativas, em articulação com o Movimento Regenerativo Tempo de Plantar, comitê Petrópolis. Coordenado por lideranças da Rede, cerca de 80 voluntários, incluindo moradores e produtores rurais do Bonfim, plantaram aproximadamente 240 mudas de palmeiras-juçara, em quatro localidades do vale do Bonfim, incluindo o PARNASO.

QUADRO 4. PÔSTER PARA DIVULGAÇÃO DO EVENTO NAS REDES SOCIAIS



FONTE: ARQUIVO DE BÁRBARA SUEIRO, AUTORA DO PÔSTER (NOVEMBRO DE 2021)

- 12/06/2022 – Seminário ao ar livre com o Professor Doutor Walter Steenbock, pesquisador do ICMBio, a respeito de pedagogias regenerativas. Parte do ciclo de palestras deste professor por ocasião do lançamento de seu livro “A arte de guardar o sol: padrões da natureza na reconexão entre florestas, cultivos e gentes”, o Seminário foi patrocinado pela Rede. Participaram cerca de 40 integrantes da Rede e alguns moradores do Bonfim.
- 03/12/2022 – Plantio de mudas de árvores nativas, em articulação com os Movimentos Regenerativo Tempo de Plantar, Comitê Petrópolis, e Corrêas Sustentável. Coordenado por lideranças da Rede, cerca de 40 voluntários plantaram aproximadamente 100 mudas de árvores nativas, em duas localidades do Bonfim. Apesar da abertura do evento ter sido realizada no PARNASO, não houve plantio de mudas na UC.
- 10/06/2023 – 1º Encontro de Educação Ambiental do Município de Petrópolis. Organizado, patrocinado e realizado pela Rede, com apoio do PARNASO, ICMBio, Movimento dos Pequenos Agricultores e várias ONGs, o Encontro reuniu cerca de oitenta educadores ambientais e moradores, incluindo o responsável pela área de Educação Ambiental do PARNASO. As atividades foram realizadas em formato de rodas

de conversa, ao ar livre, para compartilhar experiências de educação em hortas, florestas e escolas. Nesse evento foi apresentado pela pesquisadora um relato de quinze minutos, buscando resumir os trabalhos de campo nas escolas municipais Odette Young Monteiro e Marieta Gonçalves, desde 2020.

QUADRO 5. PÔSTER PARA DIVULGAÇÃO DO EVENTO NAS REDES SOCIAIS



FONTE: ARQUIVO DE LÍVIA BORDIGNON (FEVEREIRO DE 2024)

- 30/09/2023 – Encontro Folclórico do Bonfim. Organizado, patrocinado e realizado pela Rede, em parceria com o Movimento dos Pequenos Agricultores, PARNASO, Associação de Produtores Rurais do Bonfim, e várias ONGs, o evento reuniu mais de 150 pessoas, moradores do Bonfim e bairros vizinhos, para oficinas de danças e brincadeiras populares, circo, sarau de poesias, música ao vivo, roda de capoeira, exposições e feira de produtos locais.

QUADRO 6. PÔSTER PARA DIVULGAÇÃO DO EVENTO NAS REDES SOCIAIS



FONTE: ARQUIVO DE LÍVIA BORDIGNON (FEVEREIRO DE 2024)

Na Escola Municipal Odette Young Monteiro, os trabalhos de campo do mestrado e doutorado, compartilhados com as redes de parcerias do bairro desde agosto de 2020, contribuíram para a estruturação de dois Trabalhos de Conclusão de Curso de Graduação: o de Barbara Sueiro, no Departamento de Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, intitulado “Banco de Alimentos do Bonfim” (Sueiro 2022) e o de Tatiana Werneck Franco, no curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas do Instituto de Educação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, intitulado “Estimulando a Agroecologia e alimentação saudável na comunidade escolar do Bonfim, Petrópolis – RJ” (Werneck Franco 2023). Este último foi determinante na implantação da horta pedagógica do Centro de Educação Infantil (CEI) Terezinha de Jesus Lima, concluída em agosto de 2023, em sistema de mutirão e apoiada por recursos de associações de moradores e coletivos ligados a Rede Bonfim + Verde (Rede Bonfim + Verde 2024).

A proximidade entre a Escola Municipal Odette Young Monteiro, onde os trabalhos de campo da presente tese foram realizados desde o projeto de pesquisa de mestrado em 2019, e o CEI Terezinha de Jesus Lima, a menos de 200 metros uma da outra, bem como a qualidade de comunicação entre as respectivas diretoras e redes locais, viabilizou a extensão das atividades de

educação ambiental extramuros para mais uma turma. Dessa forma, aproveitando a presença semanal da graduanda Tatiana Werneck Franco, além dos 45 bebês matriculados no CEI e dos 20 alunos da turma de 4º ano da escola sob responsabilidade da pesquisadora, a turma de 2º ano do turno da tarde também passou a realizar atividades na natureza, ao longo do segundo semestre de 2023.

Os resultados dessa iniciativa (Werneck Franco 2023), conjugadas à decisão de transformar a escola municipal Odette Young Monteiro em unidade de ensino integral – decorrente de solicitações da comunidade escolar à Secretaria Municipal de Educação, levaram à contratação em março de 2024 de Tatiana Werneck Franco, agora professora de educação ambiental, para atividades semanais na horta pedagógica, com todas as turmas da escola. Esse contrato, somado a outro semelhante com a Escola Municipal Leonardo Boff, no bairro do Bingen, onde ela também estagiou, permitiu dividir sua semana entre dois municípios, para atender as já citadas unidades escolares em Petrópolis e outra particular, no Rio de Janeiro.

A Rede Bonfim + Verde também participou, entre junho de 2022 e abril de 2024, da iniciativa promovida pelo Fórum Itaboraí, da Fundação Oswaldo Cruz, de transição agroecológica como estratégia para a promoção da saúde em Petrópolis. O projeto envolveu famílias de produtores rurais do Bonfim, Brejal e Quilombo da Tapera e buscou desenvolver ações de apoio ao combate à fome e alimentação saudável, fazendo parte de um movimento mais amplo, de desenvolvimento sustentável e promoção da saúde em populações fragilizadas e comunidades tradicionais. O encerramento, em abril de 2024, contou com um evento na sede Petrópolis do PARNASO e reuniu cerca de 70 pessoas (Fórum Itaboraí 2022; 2023; 2024).

Na esteira das modificações realizadas pelo Ministério do Meio Ambiente em 2023, primeiro ano de mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o PARNASO voltou a ter uma gestão própria (ICMBio 2023). Apesar de quatro anos vinculado a outras UCs federais, que compunham o Núcleo de Gestão Integrada Teresópolis (Lachmann et al. 2022, 54-59), o retorno à gestão própria tem por objetivo centrar esforços na recriação do Mosaico Central Fluminense, estrutura criada em 2006, prevista na Lei do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), e cancelada por decreto em 2019.

Além do fortalecimento da equipe de gestão, a reorganização promovida busca recuperar estruturas de uso público. Em 06/02/2024 o Decreto n.º 11.912, assinado pelo presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva, retira dezenove UCs de todo o país – entre elas o PARNASO – do Plano Nacional de Desestatização (PND) e do Programa de Parcerias Público Privadas (PPI). Em razão da permissão para realização de concessões para prestação de serviços na Unidade de Conservação, o PARNASO foi mantido no PPI (ICMBio 2023),

o que reforça a esperança de abertura ao público da nova sede no Bonfim, no futuro próximo.

Em 22/02/2024 foi aprovada por unanimidade, na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, a indicação legislativa para a criação de uma Escola Técnica de Agroecologia e Meio Ambiente no Bonfim, vinculada à Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC). A justificativa do projeto, iniciativa de um deputado estadual de Petrópolis, é a proximidade com o PARNASO e o fato de já existirem práticas agroecológicas na região. A instalação da escola, segundo este deputado estadual, fortalecerá o desenvolvimento sustentável, a produção agroecológica e orgânica, e a formação técnico-profissional dos cidadãos da região. Após a votação, o deputado estadual de Petrópolis comprometeu-se a angariar recursos do governo estadual e federal para a proposta sair do papel (Extra Petrópolis, 26/02/2024).

A Associação de Produtores Rurais do Bonfim e a Rede Bonfim + Verde tomaram conhecimento desse projeto através dos jornais. Até o momento não houve iniciativa, por parte do deputado ou de sua equipe, para agendar conversas com as redes locais e de produtores rurais.

3. A formação de laços afetivos com o espaço e o conceito de amorosidade espacial

Tendo em vista proporcionar uma compreensão abrangente do conceito de amorosidade espacial (Lopes 2021), serão apresentados a seguir achados relevantes do campo da Geografia da Infância e os fundamentos teóricos de *topofilia* - a formação de laços afetivos que as pessoas estabelecem com o espaço, que transformam o espaço em lugar e são a base da memória humana (Tuan 1980). Esses conceitos, constituintes estruturais da presente tese, formam o segundo eixo viabilizador das atividades realizadas nos campos, em contínuo diálogo e interconexão com as abordagens do Design em Parceria e da pesquisa (pós) qualitativa.

O início do campo da Geografia da Infância, que tanto vem contribuindo para os estudos das crianças e suas infâncias, situa-se na década de 1970, fortemente influenciado pelos postulados sistematizados na Geografia Humanista. Segundo o professor Jader Janer Moreira Lopes, coordenador do GRUPEGI (Grupo de Pesquisa em Geografia da Infância), pesquisador dos Programas de Pós-graduação em Educação das Universidades Federais Fluminense (UFF) e Juiz de Fora (UFJF), consultor da FAPERJ, do CNPq e da CAPES, foi nesse momento histórico que muitos trabalhos envolvendo crianças e suas espacialidades foram publicados, buscando desvelar o ser e o estar das crianças no espaço (Lopes 2013, 284).

De acordo com Lopes, a Geografia Humanista, ao estruturar críticas aos estudos estatísticos na Geografia, à descrição racionalista do positivismo e

ao reducionismo economicista do movimento marxista dentro dessa ciência, busca compreender a percepção e representação do espaço por indivíduos, entendendo seu caráter único, singular, ao mesmo tempo em que reconhece o seu pertencimento e compartilhamento a um determinado grupo cultural (2013, 285). Para o renomado pesquisador e professor Yi-Fu Tuan, autor do clássico intitulado “Topofilia”, considerado por muitos acadêmicos um dos expoentes da Geografia Humanista, este campo:

(...) reflete sobre os fenômenos geográficos com o propósito de alcançar melhor entendimento do homem e de sua condição ... procura um entendimento do mundo humano através das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar. (Tuan 1982, 143).

Sob essa perspectiva, o olhar que até então era destinado para o distante-diferente, passa a se voltar para si próprio, criando uma outra categoria de análise: o próximo-diferente. “As novas expedições geográficas são trilhas percorridas com o outro, que junto de mim possa me mostrar o seu mundo vivido” (Lopes 2013, 285).

Assim, a fundamentação teórica da Geografia Humanista é assentada nas filosofias do significado, particularmente a fenomenologia e o existencialismo. A subjetividade, a intuição, os sentimentos, a experiência, o simbolismo e a contingência, privilegiando o singular, também formam as bases desse campo.

Para os geógrafos dessa corrente teórica, **o estudo do ambiente passa por levar em consideração sentimentos espaciais e ideias de um grupo ou povo sobre o espaço a partir da experiência** (Corrêa 1995, 30 *apud* Lopes 2013, 286) (grifo da pesquisadora). Essa característica da Geografia Humanista foi o que fez trazer os achados deste campo para a presente tese, por terem sido encontrados muitos exemplos de sentimentos e compreensões espaciais das crianças e adultos, a partir de suas vivências durante as atividades realizadas, nos campos da pesquisa.

Para ilustrar a interseção delineada acima, serão apresentados dois exemplos de atividades realizadas com turmas da Escola Municipal Marieta Gonçalves, de segmentos diferentes e em anos letivos distintos, o primeiro intramuro; o segundo na natureza:

1º) em novembro de 2023, com a turma de 4º período da Educação Infantil, as atividades projetadas para o último encontro incluíam contar a história “Bichos e Não Bichos da Alcobaça ou de Qualquer Lugar”, de Laura Góes, com ilustrações de Adriane Bertini (Góes; Bertini 2010). Um dos poemas falava de uma baleia, que empurrou a sereia para a areia. Na ilustração, a baleia era cor-de-rosa. Uma menina exclamou: “Tia, essa baleia se acha, só

porque é cor-de-rosa!” A turma encontrou muito interesse nessa interpretação e dispararam perguntas: “Tia, porque a sereia não se afasta dela?”, “Tia, porque essa baleia é cor-de-rosa, ela se pintou?”, “Tia, ela estava se mostrando?”, “Estava desfilando?”. A partir das ideias das crianças a respeito dessa baleia, da sereia, da areia, enfim, do espaço vivenciado por meio da história contada, foi possível adentrar sentimentos e compreensões espaciais da turma, que fizeram toda diferença para as atividades realizadas, dado o grau de conexões e simbolismos que as crianças experimentaram com a história.

QUADROS 7 E 8. CAPA DO LIVRO “BICHOS E NÃO BICHOS DA ALCOABAÇA OU DE QUALQUER LUGAR” E PÁGINAS 10 E 11, “TIA, ESSA BALEIA SE ACHA, SÓ POR QUE É COR-DE-ROSA!”



FONTE: ARQUIVO DA PESQUISADORA, FOTOS DE MARCOS WERNECK (2024)

2º) em novembro de 2022, com a turma de 5º ano do Ensino Fundamental, as atividades projetadas incluíam a instalação de placas de sinalização, feitas pelas crianças, na horta comunitária e nas margens da represa, objetivando chamar atenção da comunidade para cuidados essenciais com relação à manutenção daquele espaço. Uma das placas foi instalada ao lado de um pé de tomate. Uma criança perguntou se “aquilo” poderia ser comido. Uma pergunta, pensou a pesquisadora, que vinha muito calhar para explorar a questão de alimentos comestíveis, que podem ser confundidos com outros não-comestíveis. “Antes de comer algo que não sabemos com certeza se é o que estamos pensando que é, neste caso o tomate, devemos confirmar com alguém responsável pelo local, se é ou não. Tomate é muito parecido com uma planta tóxica, que chamamos de “Mata Cavalo”. Topam perguntar ao Marco se é mesmo tomate, antes de colher?”. Antes que fosse possível chamar o responsável, um menino autista,

que até aquele momento não havia feito uso da palavra, perguntou: “O nome “Mata Cavalo” foi dado de tanto cavalo que morreu, até que alguém descobriu que não era tomate?” Sem esconder a alegria, a pesquisadora notou que as crianças ao redor sorriam para o menino, que aguardava uma resposta. Olhou bem nos olhos dele e disse devagar: “Acho que você tem toda razão, muitos cavalos devem ter morrido até que alguém ligou a morte deles com a existência dessa planta, tão parecida com tomate”. O grau de conexão entre essa experiência espacial na horta com a intuição do menino autista, vivenciada pelas crianças, pesquisadora e adultos presentes naquele momento, foi especialmente relevante como fator de inclusão, sobretudo ao gerar um espírito de equipe entre elas, por terem se aventurado a imaginar e sentir a realidade pela qual passaram muitos cavalos e seus donos.

Para Lopes, são traços fundamentais dessa análise reconhecer a prática geográfica do outro, o seu espaço vivido, assim como levantar algumas questões: de que maneira ocorre a construção da percepção do ambiente que nos cerca? Quem, o quê, quais os fatores que interferem e concorrem para essa percepção? (2013, 286).

Segundo Yi-Fu Tuan, o lugar, entendido como as relações afetivas que as pessoas estabelecem com o espaço, passa a ter um valor central nas pesquisas, e cria. Essa nova concepção resulta na criação do conceito *topofilia*:

... elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” (Tuan, 1980, 5). Assim, Tuan ressalta a existência de uma diferença entre espaço e lugar. O significado de espaço, na maioria das vezes, se funde com o lugar, no entanto “... “espaço” é mais abstrato que “lugar”. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e dotamos de valor (Tuan 1980, 6).

Lopes apresenta a importância dos estudos de Piaget (1993), inspirados na Psicologia Cognitiva, e de Armand Frémont, na obra publicada em 1976 “La Region, espace vécu” (“A Região, espaço vivido”), no sentido de reforçarem a dimensão da experiência humana no espaço e a relevância das relações que as crianças tecem com seus espaços próximos e distantes, como são concebidos e representados (2013, 287-288). Piaget elabora uma série de etapas contínuas pelas quais as pessoas passam no desenvolvimento da noção espacial. As relações topológicas, as mais elementares, são as primeiras que a criança constrói: de vizinhança (perto e longe), separação (percepção de que os objetos ocupam lugares distintos no espaço), ordem (sucessão), fechamento (noção de interior e exterior). Em seguida, as relações projetivas: aquelas que se definem conforme o ponto de vista do observador (direita, esquerda). Por último, as relações euclidianas ou métricas: as que se baseiam nas noções de eixos e coordenadas, definindo-se com pontos fora do observador.

As relações topológicas e projetivas são construídas pela criança, buscando se situar no espaço e se relacionar com o meio, bem como obter maior segurança em seus deslocamentos. Os conceitos dentro, fora, acima, à direita, perto, etc., são fundamentais para a etapa seguinte: as relações euclidianas, que permitem fazer localizações utilizando eixos fora do corpo da criança.

Lopes explica que enquanto as pesquisas de Piaget reforçam a infância como uma dimensão científica e universal, a obra de Frémont (1976) afirma a noção de espaço vivido como um conceito chave desse movimento, que fica mais evidente conforme as pessoas experienciam e exprimem os espaços, e como concebem o significado que os aportes geográficos têm para as diversas e diferentes localidades (2013, 288). Segundo Lopes, uma edição que marcará as pesquisas desse momento histórico – A Imagem da Cidade, obra de Kevin Lynch publicada em 1960 – detalha como as cidades de Los Angeles, Boston e Jersey City são percebidas em seus arranjos espaciais (2013, 289).

Resultado de muitos anos de pesquisas, Lynch (1960) sustenta que o tempo é essencial no processo de constituição gradativa da configuração urbana, percebida pelas pessoas que habitam e transitam nas cidades, e reconhece cinco dimensões em torno das quais as pessoas organizam a imagem das cidades: as vias para deslocamentos; os contornos que criam delimitações; os bairros percebidos pelas pessoas em suas diferenças e identidades; os locais de convergência como praças, cruzamentos, etc.; e os pontos de referências espaciais, marcados por suas especificidades.

Em seus estudos Lynch demonstra que as pessoas formam mapas mentais, que perpassados pelas dimensões elencadas acima, também são marcados por suas experiências e histórias pessoais. Ainda hoje, os mapas mentais apresentam aplicações de grande relevância, na Geografia e em muitos outros campos de conhecimento, entre eles o Design. Ao longo das seis décadas que se seguiram desde a publicação da obra de Lynch, novas perspectivas se desenvolveram. Uma delas, a dos mapas vivenciais de Lopes (2012), que reforçaram aspectos relevantes dos trabalhos de campo desta tese: **o tripé empoderamento das crianças, desemparedamento do ensino (Tiriba, 2018) e amorosidade espacial (Lopes, 2022) das crianças e adultos com o ambiente que as cerca.** (grifo da pesquisadora).

De acordo com Lopes, o campo da Geografia da Infância emerge:

... dessa forma, com interfaces nesses postulados, por onde se entrecruzam outros recortes, como o de gênero, o de idade e condição econômica, perguntam-se como meninos e meninas, de diferentes idades e pertencentes a diferentes extratos sociais concebem, percebem e representam seus espaços.” (Lopes 2013, 289).

A partir do final dos anos 80 e ao longo da década de 90, o grande crescimento dos estatutos políticos e legais, no Brasil e no mundo, colocam as crianças como sujeitos de direitos – apenas como exemplos, a Convenção sobre o Direito das Crianças e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) - estendendo a ideia do direito da criança ao espaço. Assim, um outro foco ganha força nos estudos da Geografia da Infância: a noção de território, de espaço como direito politicamente definido.

Em 1990, com a publicação do livro de Allan Prout e Allison James “Constructing and reconstructing Childhood: Contemporary Issues in the Sociology of Childhood”, uma nova concepção de infância se contrapõe às concepções biologistas, quantificáveis e etárias: a infância como uma construção social, que deve ser compreendida com outras variáveis como gênero, classe, etnicidade, e a condição de agência das crianças, isto é, crianças como sujeitos atuantes na produção da sociedade. Esses pressupostos, continua Lopes (2013, 290), foram revigorados por estudos realizados em diversos países pelo pesquisador dinamarquês Jens Qvortrup, que em 1993 publica “Childhood as a Social Phenomenon”, ressaltando a categoria geracional como essencial, uma das dimensões centrais a ser considerada na compreensão da infância e sua vida em sociedade.

Em sua descrição de como surgiu e se desenvolveu o campo da Geografia da Infância, Lopes questiona:

(...) se a infância é uma construção social, uma concepção sistematizada em diferentes sociedades, ela apresenta uma dimensão que é plural, pois não me é possível falar em uma única infância, mas na pluralidade de infâncias que se configuram. Localizar, mapear, descrever e interpretar essas infâncias são também pontos pertinentes aos estudos da Geografia. (Lopes, 2013, 290-291).

Com base nessa nova concepção de infância, Lopes descreve a reestruturação dos currículos para as áreas de Geografia e História e a organização de um projeto educativo calcado no conceito de espaço mais próximo para o mais distante, proposta que tem como base a lógica espacial a partir da Sala de Aula (considerada o espaço mais próximo) até chegar no Mundo (o espaço mais distante de todos nós), passando pela Escola (onde está a Sala de Aula), o Bairro da Escola, o Bairro dos Alunos, o Município, o Estado, o País, o Continente (Lopes 2013, 291).

Para Jorge Larrosa (2020, 32), saber da experiência:

(...) é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. (...) **A experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida.** (Larrosa 2020, 33) (grifo da pesquisadora).

Nesse sentido, no processo de “apropriarmo-nos de nossa própria vida”, emerge nessa alquimia um elemento de primeiríssima importância: a amorosidade espacial para com o outro, conceito construído por Jader Janer Moreira Lopes (2022, 1-13). Sem dúvida, fator de viabilização de atividades na natureza com crianças do Ensino Básico, em unidades da rede pública municipal de Petrópolis. Esse conceito foi criado ao longo de décadas de pesquisas com bebês e crianças. Para depreendê-lo em profundidade, a cada leitura do texto é preciso mergulhar nas memórias de infância, as mais antigas memórias.

Para Lopes (2022, 8), a experiência espacial nunca é, por si só, uma experiência meramente física, de recursos puramente sensórios, em busca de escalas a serem percorridas. Nenhuma criança se desloca em planos supostamente métricos. Sempre são feitas caminhadas na cultura e em todos os constrangimentos que a cultura forja em nós e que impetramos no meio social também.

Ao reconhecer que é a amorosidade do outro que nos torna humanos, que nos toca no humano, Lopes sustenta que o amor é uma categoria ética, que diz respeito à nossa não indiferença, à escuta ativa, sensível e dialógica com o outro, todos mediados pelo mundo (Lopes; Mello 2017, 149). Este autor situa a defesa de uma amorosidade espacial nos meandros de atos responsivos, que se realizam em encontros com crianças e suas formas singulares de viver os espaços geográficos. Nesses meandros, com amorosidade espacial, forjamos com as crianças outros tempos históricos (Lopes 2022, 12).

A amorosidade espacial é, por fim, o desejo que as crianças e seus saberes espaciais possam descolonizar nossos seres, nossas subjetividades, tão aprisionadas por nossas lógicas únicas/universais e, como pequenos e intensos bárbaros, permitam fazer fluir por nossos corpos, vozes silenciadas, caladas, subalternizadas. (Lopes 2022, 12).

Para ilustrar o tripé empoderamento das crianças, desemparedamento do ensino e amorosidade espacial das crianças e adultos com o ambiente que as cerca, grifado acima, será apresentada a seguir uma experiência realizada por Tatiana Werneck Franco na Escola Municipal Odette Young Monteiro, nos encontros semanais de maio de 2024. Essa experiência, registrada em vídeo e postada no Instagram da escola, esteve tão conectada aos sentimentos espaciais das crianças que contagiou todas as turmas e o corpo docente, atingindo em 10/06/2024 mais de 500 visualizações. (Werneck Franco, vídeo EM Odette Young Monteiro, 2024).

No primeiro encontro de maio de 2024, crianças de todas as turmas perceberam as lagartas na horta, comendo as folhas do tomate que haviam plantado. Tatiana aproveitou o interesse das crianças para falar do ciclo de vida das lagartas, nascidas de ovos de borboletas, que pousam nas plantas quando

entra o outono. Prosseguiu contando que as lagartas se alimentam de folhas até conseguirem tecer um casulo ao redor de seu corpo. Ficam dentro desse casulo até se transformarem em borboletas, processo que a ciência chama de metamorfose. Depois de saírem do casulo, as borboletas voam, pousam em folhas, e assim continuam o seu ciclo de vida.

Cuidadosamente, Tatiana colheu duas lagartas e as acomodou no fundo de uma vasilha de plástico, sobre uma cama de folhas do tomateiro, para levar para a escola. A vasilha foi levada por Tatiana para todas as turmas, para rodas de conversas sobre a metamorfose, estimulando muitos desenhos e escritas a respeito. No final do dia Tatiana perguntou aos professores se poderiam alimentar a lagarta, colocando mais folhas ao longo da semana, e um galho para que pudessem fazer seu casulo. No entanto, eles não quiseram assumir essa responsabilidade. Tatiana, então, recorreu à diretora, que acolheu o seu pedido, levando a vasilha para sua sala.

No encontro seguinte, foi visto que uma das lagartas não sobreviveu, enquanto a outra já havia feito seu casulo. Novamente a vasilha foi passada por todas as turmas, para que as crianças pudessem observar o processo detalhadamente.

Pouco antes do último encontro de maio, quando Tatiana não se encontrava na escola, a diretora notou que a borboleta saíra do casulo. Imediatamente chamou as crianças, para juntos levarem a vasilha até o pátio, permitindo assim o voo da borboleta. O trajeto virou um cortejo: crianças de todas as turmas foram se juntando para acompanhar o primeiro voo da borboleta. A diretora, cercada por uma torcida fervorosa, utilizou o indicador como trampolim, facilitando o acesso da borboleta ao mundo. Depois de alguns segundos de muita emoção, acompanhados por clamores de “Voa! Voa!”, a borboleta decolou e se foi, com uma incrível aprovação das crianças.

Conclusão/Considerações Finais

A experiência de pesquisar com/para/sobre crianças, de realizar atividades empoderadoras de educação ambiental no Ensino Básico, de buscar a alquimia das alegrias de fazer ao integrar vida, ciência e arte, é viabilizada com a amorosidade espacial para com o outro, na acepção de Jader Lopes (2022). O amor é a energia mais potente à disposição dos seres vivos, mais elevada e nutritiva, capaz de superar os maiores desafios.

Existe em abundância, à disposição de todos, para a dissipação de todas as dificuldades. O acesso se dá buscando na memória, para contar como se fosse um conto, as histórias cotidianas de amorosidade espacial, praticá-las, guardar e resgatar sempre que o sentimento de desânimo despontar. Uma prática transformadora, capaz de mitigar o cansaço e preencher cada ser com fé, a fé que ilumina o coração.

Os trabalhos de campo realizados, fenômeno central da pesquisa, refletem concretamente as bases estruturais e fatores viabilizadores apresentados. Simultaneamente, ao serem compartilhados com redes e coletivos locais, servem para encantar mais pessoas para a causa da conservação da natureza. Funcionam como aromas, essências que evocam a unidade formada pela sociedade-natureza-pessoa, conforme compreendido por Lopes, ao levarem em consideração as pessoas em suas singularidades (2020, 249).

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 e da PUC-Rio.

Referências bibliográficas

- Barad, Karen. 2007. *Meeting the universe halfway: Quantum physics and the entanglement of matter and meaning*. Durham, NC: Duke University Press.
-
- Brasil. *Lei n.º 14.516, de 29/12/2022, que redefine os limites do Parque Nacional da Serra dos Órgãos*. Diário Oficial da União de 30/12/2022. <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2022/lei-14516-29-dezembro-2022-793586-publicacaooriginal-166694-pl.html>
-
- Ferguson, Niall. 2018. *The square and the tower: networks, hierarchies and the struggle for global power*. Inglaterra: Penguin Books, Random House.
-
- Fórum Itaboraí: política, ciência e cultura na saúde. 2022, 2023, 2024.. *Relatório de Atividades*. Petrópolis: Ministério da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz.
-
- Frémont, Armand. 1999. *La région, espace vecú*. Paris: Flammarion.
-
- Goes, Laura e Bertini, Adriana. 2010. *Bichos e não bichos da Alcobaça ou de qualquer lugar*. São Paulo: Editora Terceiro Nome.
-
- ICMBio, *Parque Nacional da Serra dos Órgãos: quem somos, nossa equipe*. <https://www.icmbio.gov.br/parnaserradosorgaos/quem-somos/nossa-equipe.html>
-
- Larrosa, Jorge. 2020. *Escritos sobre a experiência*. 1a edição. Belo Horizonte: Autêntica, 15-34.
-
- Le Grange, Lesley. 2019. *What is (post)qualitative Research?* Leading article, South African Journal of Higher Education, v. 32, n. 5, 1-14.
-
- Lopes, Jader Janer Moreira. 2012. *Os bebês, as crianças pequenas e suas condições histórico-geográficas: algumas notas para o debate teórico-metodológico*. Juiz de Fora: Educação em Foco, edição Espacial, agosto.
-
- Lopes, Jader Janer Moreira. 2013. *Geografia da infância: contribuições aos estudos das crianças e suas infâncias*. Cuiabá: Revista Educação Pública, volume 22, n. 49/1, 283-294, maio/ago. ISSN 2238-2097. <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/915/716>
-
- Lopes, Jader Janer Moreira. 2020. *As palavras são as nossas primeiras formas de existir geograficamente no mundo: enunciações sobre amorosidade espacial*. In: Duarte, a.; Concêncio, M. (org.). *Palavras Bakhtinianas para mudar o mundo*, 247-260. São Carlos: Pedro e João Editores.
-

Lopes, Jader Janer Moreira. 2022. *Geografia da Infância, justiça existencial e amorosidade espacial*. Revista de Educação Pública, v. 31, 1-13, jan./dez. DOI: <https://doi.org/10.29286/rep.v31ijan/dez.12405>

Lopes, Jader Janer Moreira e Costa, Bruno Muniz Figueiredo. 2023. *Mapas vivenciais e espacialização da vida*. Revista Porto das Letras, Vol. 9, Número 1.

Lynch, K. 1960. *The image of the city*. Cambridge: The M.I.T. Press.

Machado, Sandro e Saballa de Carvalho, Rodrigo. 2020. *Notas de campo: percursos éticos e metodológicos em uma pesquisa com crianças na educação infantil*. Revista Humanidades e Inovação, v. 7, n. 28.

Motta, Luana. *Petropolitanas: Parnaso é retirado de programa de privatização*. Correio Petropolitano. Edição de 08/02/2024. <https://www.correiodamanha.com.br/correio-petropolitano/petropolitano/2024/02/114358-petropolitanas-parnaso-e-retirado-de-programa-de-privatizacao.html>

Piaget, Jean e Inhelder, Barbel. 1993. *A representação do espaço na criança*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Quentel, Eduardo. 2023. *Movimento Corrêas Sustentável: resumo dos projetos realizados*. Apresentação para autoridades municipais. Petrópolis, arquivo do autor.

Sarmento, Manuel Jacinto. 2015. *Uma agenda crítica para os estudos da criança*. Currículo sem Fronteiras, v. 15, n. 1, 31-49, jan./abr.

Sueiro, Barbara. 2022. *Segurança Alimentar no Bonfim, RJ, Brasil*. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Artes e Design. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Tiriba, Lea. 2018. *Educação Infantil como Direito e Alegria: em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.

Tuan, Yi Fu. 1980. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel Difusão Editorial S. A.

Tuan, Yi Fu. 1982. *Geografia humanística*. In: CRISTOFOLLETTI, A. (Org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel Difusão Editorial S. A.

Watts, Duncan James. 2004. *Six Degrees: the Science of a Connected Age*. EUA: W. W. Norton.

Werneck Franco, Tatiana. 2023. *Estimulando a Agroecologia e alimentação saudável na comunidade escolar do Bonfim, Petrópolis - RJ, através da implementação de Horta pedagógica no Centro de Educação Infantil (CEI) Therezinha de Jesus Lima*. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em Ciências Agrícolas. Instituto de Educação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Werneck Franco, Tatiana. 2023. *Vídeo resumo do Trabalho de Conclusão de Curso: Estimulando a Agroecologia e alimentação saudável na comunidade escolar do Bonfim, Petrópolis – RJ*. Licenciatura em Ciências Agrícolas. Instituto de Educação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. https://drive.google.com/file/d/11CptnPGHqXd4E25M55z5gBByz_wsFmPD/view?usp=sharing

Werneck Franco, Tatiana. 2024. *Vídeo Instagram EM Odette Young Monteiro*. odetteyoung2023 – <https://www.instagram.com/p/C7jn0Inu7T4/>

Extra Petrópolis. Edição de 26/02/2024. *Petrópolis: Alerj aprova criação de Escola Técnica de Agroecologia*. https://extra.globo.com/rio/cidades/petropolis/noticia/2024/02/petropolis-alerj-aprova-criacaode-escola-tecnica-deagroecologia.ghtml#amp_tf=De%20%251%24s&aoh=17090369436377&csi=0&referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.com
